

## ARTESANATO EM LÃ EM JAGUARÃO/RS: O SABER-FAZER MOTIVANDO A RECIPROCIDADE

MIRIEL BILHALVA HERRMANN<sup>1</sup> ; FLÁVIA RIETH<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [miribilha@yahoo.com.br](mailto:miribilha@yahoo.com.br)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [riethuf@uol.com.br](mailto:riethuf@uol.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste na parte inicial da pesquisa “Etnografia do artesanato em lã crua feito por mulheres na fronteira de Jaguarão-RS/Rio Branco-UY”, que está sendo desenvolvida no PPG de Antropologia na UFPEL vinculada ao Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) – Lida Campeira. O INRC – Lida Campeira busca identificar, descrever, reconhecer os trabalhos realizados no campo sul-rio-grandense, como a criação de bovinos, ovinos e equinos e os saberes e modos que envolvem esses trabalhos, como referência na constituição da cultura pampiana e para o patrimônio cultural brasileiro. A pesquisa se localiza no entorno do sítio da Região do Alto Camaquã, na cidade de Jaguarão e tem como tema de estudo o artesanato em lã, atentando para a técnica do Jacquard.

O artesanato é uma atividade manual em que o artesão desenvolve todo o processo de produção e execução, está envolvido em todas as etapas, dessa forma utiliza suas habilidades sincronizando “mão e cabeça” no que está realizando, permitindo maior envolvimento entre artesão e artesanato. Mas no século XIX com a industrialização da produção, está se configurando por grandes produções e agilidade no processo, nesse contexto o trabalho artesanal passou a ter um caráter de incerteza em relação aos produtos industrializados. Isso pelo fato do artesanato ser realizado manualmente, onde sua produção é reduzida, o processo necessita de um maior tempo na execução, assim como a este é atribuído defeitos e irregularidades sendo assim não consegue competir com as máquinas (SENNET, 2015).

A técnica artesanal feita em lã, no Rio Grande do Sul inicialmente tinha um caráter utilitário, era apenas uma forma de suprir necessidades diárias, como se aquecer e se vestir, mas com o surgimento da indústria e a produção do fio sintético, que propicia menor custo, assim as peças feitas de lã crua sofrem um declínio. Mas atualmente representa uma referência da cultura. Envolve diversas técnicas que são predominantemente passadas de geração em geração e realizadas predominantemente por mulheres. Em Jaguarão, município que faz fronteira com a cidade uruguaia Rio Branco, realizam o artesanato em lã, destacando-se pelo desenvolvimento da técnica de crochê em *Jacquard*. A técnica consiste no trabalho artesanal em que são utilizados dois ou mais fios com cores diferentes, originando a formação de desenhos e estampas variados durante o entrelaçamento dos fios de lã natural, que se destaca como característico desse local. Confeccionam peças diversificadas, das quais se destacam os elementos do vestuário regional como ponchos, palas e ruanas, característicos da indumentária da região da campanha. Conforme relatado pelas artesãs, o processo é todo manual, desde a retirada da lã ovelha na tosquia até a confecção das peças, fazendo com que este trabalho necessite de tempo e habilidade. Essa técnica artesanal está cada vez mais ameaçada em desaparecer, visto que há um número reduzido de mulheres que detêm esse saber artesanal e destas poucas artesãs, na sua grande maioria são

mulheres acima de 60 anos. Então as artesãs vendo essa redução, assim como a finitude delas e do conhecimento que detêm. Expõem que nada é eterno, isso se revela na fala da artesã Sr. Nilza quando ela diz “entrei para a Associação para ensinar pra não se acabar.... nada é eterno pra continuar, temos que passar para os outros”. Como elas não têm o poder da imortalidade enquanto corpos buscam isso através da transmissão desse saber-fazer, de tal modo dando continuidade dos seus valores, memórias, histórias, símbolos. A partir disso procuramos evidenciar como o temor de desaparecimento da técnica do crochê em jacquard, propiciou a constituição de uma rede de reciprocidade em torno da preservação e continuidade desse saber-fazer. Sendo assim neste trabalho vamos fazer uma reflexão sobre esse ponto a partir da noção de dádiva de Mauss, na qual ele expõe os modos de trocas realizadas nas sociedades anteriores ao sistema capitalista, percebendo que estas formas de trocas ainda permanecem nas sociedades modernas. As trocas para Mauss estão presente na vida das sociedades, como fato social total, em que a dádiva esta presente em diversas dimensões como econômica, política, religiosa, cultural, entre outras e não somente nas relações familiares. Também utilizaremos os autores como Sabourin e Temple, na qual trazem releituras da noção de dádiva de Mauss na contemporaneidade.

## 2. METODOLOGIA

Por meio da etnografia, que consiste em uma categoria da pesquisa científica de caráter qualitativo e interativo, utilizarei o método de Malinowski que no início do sec. XX revolucionou o campo da Antropologia, rompendo com o método conhecido como antropologia de gabinete, consolidando o método antropológico, conferindo ao trabalho etnográfico rigor, valor, status científico. Este método propicia o etnólogo ter um contato direto e próximo com seus interlocutores, colaboradores, acompanhar de forma participante o cotidiano do grupo. Malinowsky (1976, p. 25) aponta que este modelo de etnografia possibilita a “compreensão do ponto de vista do outro, sua relação com a vida, bem como a sua visão do mundo”. Malinowsky é uma referencia importante, mas o método teve mudanças, dessa forma trazemos o pensamento de Roberto Cardoso de Oliveira em que o antropólogo precisa treinar o olhar, o ouvir, pois também são importantes para a etnografia. Pois por mais que olhar e ouvir pareçam ações simples e corriqueiras, sem precisar problematizar, o nosso olhar está carregado de nossas vivencias, valores assim como de teorias que aprendemos na academia, então esse olhar nunca é neutro sempre se dá a partir de um contexto, é necessário procurar se desvencilhar dos pré-conceitos.(DE OLIVEIRA, 1996, p.16). Assim como é preciso que o “pesquisador tenha habilidade de ouvir o interlocutor e ser ouvido igualmente por ele, iniciando um diálogo teoricamente de iguais, sem receio de estar contaminado o discurso do outro com o seu próprio discurso” (DE OLIVEIRA, 1996, p.19). Possibilitando uma relação de proximidade, possibilitando a melhor compreensão das relações entre artesãs, com objetos, o meio em que vivem e as pessoas. Dessa forma também realizaremos entrevistas com as artesãs que serão no formato semi-estruturadas, conforme Boni e Quaresma (2005) esse tipo de entrevistas possibilitam o pesquisador obter um maior numero de informações. Assim como promove uma proximidade e interação entre entrevistador e entrevistado, possibilitando respostas naturais, já que o entrevistado possui liberdade para se manifestar (NUNAN, 1997). Além dessa, utilizaremos como suporte de registros, imagens fotográficas descritivas, que serão adicionadas ao trabalho, de forma que esse saber/fazer e o seu processo possam ser mais bem compreendidos. Assim como Eckert e Rocha (2013, p.99), a fotografia como recurso

da prática etnográfica colabora para “a apreensão de aspectos das sociabilidades, laços de pertencimento e relações”. Portanto como Macdougall (2006) aponta à imagem transmite um texto que possibilita ao entrevistador conhecer e refletir sobre a realidade cultural do sujeito entrevistado.

### 3. RESULTADOS E DISCUSÃO

Essas artesãs estão reunidas por meio de uma Associação, que foi fundada em 04 de setembro de 2004. Este grupo se constitui a partir da necessidade dessas mulheres em agregar os seus trabalhos artesanais produzidos a partir da lã ovina, melhorando o desenvolvimento e divulgação destes, buscando dar maior visibilidade as suas técnicas de criação, assim como promover e valorizar o artesanato, assim como a perpetuação desse saber-fazer que esta se perdendo. A associação foi pensada para ser um espaço para expôr seus trabalhos, trocar conhecimentos, realizar cursos e oficinas, assim como também atendem a comunidade em geral que se interessa em aprender alguma técnica artesanal seja para recreação ou para subsistência, gerando sociabilidade e renda. A partir do momento que estas mulheres se vinculam para formar essa Associação, buscando a preservação, mas também visibilidade para esse trabalho que realizam que muitas vezes fica restrito ao âmbito privado, sem valorização ou reconhecimento (EGGERT; SILVA, 2011). A partir da iniciativa dessas artesãs, também diversas entidades como a Cooperativa de Lãs Mauá, a casa da Economia Solidária, EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) e SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem), se engajaram formando uma rede em torno da preservação do crochê em jacquard. Constituindo uma relação de reciprocidade, que segundo Sabourin (2011, p.32) essas relações “geram valores humanos” que sustentam a rede. Nesse sentido temos por objetivo evidenciar como uma técnica artesanal em perigo de extinção propiciou uma rede de reciprocidade, onde diversos atores colaboram para a transmissão e fortalecimento desse saber-fazer e como se dão essas trocas.

As artesãs compreendem este problema em relação a continuidade desse saber-fazer e buscam por meio de cursos e oficinas, de forma voluntária, passar para outras mulheres o seu conhecimento. A artesã Nilza diz que “temos dificuldade de quem faça o fio, são poucas que fiam”, nessa colocação se evidencia que tem poucas mulheres se dedicando ao artesanato, assim como todo o processo. Dessa forma no intuito de preservar esse saber, essas artesãs estão gerando dádiva/reciprocidade, pois estas se ajudam, fortalecendo a técnica e conseqüentemente o grupo todo mutuamente, para desenvolver o artesanato. Já que a transmissão se apresenta por meio de trocas realizadas entre comunidade, grupos, essas trocas são dádivas que Mauss define que podem ser visitas, objetos, prestígio, conhecimento, etc... Essas trocas instituem vínculo social, pois “presentear alguém é presentear alguma coisa de si” (Mauss, 2003 p.200). A reciprocidade se produz pela transmissão desse conhecimento para outros, nessa transmissão se passam valores, tradições, modos de vida que compõem este conhecimento. Ela se apresenta como forma de gratidão, dar a outro o conhecimento aprendido por meio de outrem, daí então gerando a reciprocidade.

### 4. CONCLUSÕES

Portanto o crochê em *jacquard* é um processo é submerso por diversas etapas que são envolvidas de tradições, costumes, saberes, conhecimentos. Esse artesanato

percorre um caminho até chegar o produto final, a peça artesanal, este caminho começa com a criação de ovinos, onde se obtém a matéria prima para a criação do artesanato, ao longo deste caminho se apresentam diversas relações entre animais, humanos e objetos. E este objeto que as artesãs constroem a partir das suas vivências, experiências, modos de vida, memórias, este está repleto de valores, sentidos, afetos. Lima (2005) destaca que o artesanato não é um mero produto ou objeto a ser consumido. A partir deste ofício temos um produto único, peculiar pela sua dimensão econômica simbólica e cultural, um objeto que representa um sistema de valores culturais de um grupo social, localidade ou região. Dessa forma a sua preservação se torna urgente para essas artesãs, assim como para a localidade como um todo, já que este conhecimento identifica as artesãs, mas também é uma identidade da cidade. Nesse sentido percebo essa pesquisa como uma forma de propiciar a visibilidade para estes saberes muitas vezes desvalorizados e que acabam ficando no esquecimento, sem poder ou ter a oportunidade de mostrar a sua riqueza cultural.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2, nº. 1, 2005.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **As Culturas populares no Capitalismo**. São Paulo, Brasiliense, 1995.
- DE OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, 1996.
- ECKERT, Cornelia; DA ROCHA, Ana Luiza. Narrativas imagéticas. Estudos etnofotográficos de Fernanda Rechenberg, Jéssica Hiroko de Oliveira e Olavo Ramalho Marques. In: **Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas de vida urbana**. Porto Alegre, Marca Visual, 2013.
- LIMA, Ricardo Gomes. Artesanato: cinco pontos para discussão. In: **OLHARES ITINERANTES: reflexões sobre artesanato e consumo da tradição**. São Paulo, Central Arte Sol, p. 13-26, 2005.
- MACDOUGALL, David. **The corporeal image: Film, ethnography, and the senses**. Princeton University Press, 2006.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo, Abril, 1976.
- MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo, Cosac Nayfi, p. 183-314, 2003.
- NUNAN, D. **Research methods in language learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- SABOURIN, Eric. Teoria da reciprocidade e sócio-antropologia do desenvolvimento. **Sociologias**, ano 13, nº 27, p. 24-51. Porto Alegre, 2011.
- SENNETT, Richard. **O artífice**. 5ªed. Rio de Janeiro, Record, 2015.
- SILVA, M.A; EGGERT, E. Descosturar o doméstico e a “madresposa”- a busca da autonomia por meio do trabalho artesanal. In: Eggert, E. (Org). **Processos educativos no fazer artesanal de mulheres no Rio Grande do Sul**. Editora, EDUNISC. Santa Cruz do Sul, 2011.
- TEMPLE, D. **Las estructuras elementales de la reciprocidad**. La Paz (Bolívia): Plural Editores, 2003.